



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Lucas Bezerra

SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Lucas Bezerra, professor adjunto da Faculdade de Serviço Social da UFAL. Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (2016), mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (2018) e doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). Coordena o Grupo de Pesquisa e Extensão Agricultura e Sociedade (GEPAS/UFAL/CNPq). Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase nas seguintes temáticas: formação social brasileira; classes sociais; questão social; questão agrária; condições e relações de trabalho na agricultura; reforma agrária. Assistente de pesquisa da coleção “Experiências históricas de reforma agrária no mundo” (Editora Expressão Popular), coordenada por João Pedro Stedile. Professor colaborador da Escola Nacional Florestan Fernandes (MST) e da Escola Nacional Paulo Freire. Cantor, compositor e militante das causas populares.

Palavras-chaves: Movimentos Sociais. MST. Reforma Agrária. Assentamentos. Educação Popular.



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Lucas Bezerra

ENTREVISTA

Alex Oliveira: Como nasceu seu envolvimento com os movimentos sociais e com a pesquisa de temas que dialogam com a temática Direitos Humanos e Justiça Social?

Lucas Bezerra: “Responder a essa pergunta exige que eu estabeleça uma conexão entre elementos da vida social, política e econômica do país, no período em que cresci, a aspectos diretamente ligados à minha trajetória pessoal. Preciso dizer, primeiro, de onde vim. Sou nascido e criado no sertão cearense, filho de uma mãe trabalhadora do Sistema Único de Saúde e de um pai que, durante boa parte da vida, foi desempregado. Portanto, à semelhança da esmagadora maioria da população, sou filho da classe trabalhadora, mas num território que se particulariza, que é o sertão cearense. Conheci as desigualdades que assolam o Brasil a partir daquela realidade, de uma cidade pequena, com população inferior a vinte mil habitantes, em forte relação com o campo, a roça, onde viviam meus avós.

A fotografia que tenho do Brasil dos anos 1990, por exemplo, passa por ali, e não pela cidade grande. Tenho até hoje lembranças de minha infância, em Orós, de uma quantidade recorrente de pessoas batendo na porta de casa, pedindo xícaras de arroz, feijão, açúcar, ou coisa parecida. Era um empobrecimento desmedido, um desemprego absurdo, uma carestia terrível, um agravamento torpe das condições de vida. Tempos depois, entendi que tudo aquilo era fruto do neoliberalismo, de uma agenda política e econômica que afetou o país inteiro, do campo à cidade, dos pequenos lugarejos às grandes metrópoles. Me reporto a essas memórias porque, a partir delas, chego à conclusão de que minha mãe sempre despertou em mim um olhar sensível para as injustiças. O olhar dela nunca foi de naturalização, ao contrário, foi sempre muito humanista. Acredito que isso se deva, em larga medida, à sua inserção profissional na área da saúde pública e à sua participação ativa em movimentos da Igreja Católica. Por acompanhá-la, muito cedo comecei a fazer parte das iniciativas da Igreja, especialmente as influenciadas pela Teologia da Libertação. Hoje, é curioso observar como a Igreja Católica, naquele lugar e naquele período, era um reduto que comportava setores progressistas de uma localidade tão miúda.

Entrevista com Lucas Bezerra

A juventude da Igreja era a que se envolvia com teatro, música e dança. Eram esses jovens que dinamizavam culturalmente o município e tudo aquilo exerceu influência sobre mim. Graças a eles, na infância, entrei em contato com um conjunto de expressões artísticas inseridas no campo da sensibilidade, da percepção e da inteligência.

Na adolescência, já no Brasil dos anos 2000, durante o primeiro governo Lula, tive a sorte de ser aluno de uma escola pública estadual que passou a ser dirigida por um educador chamado Keles Lima, da maior importância em minha trajetória. Influenciado por educadores como Paulo Freire, ele disparou uma verdadeira revolução naquela escola, que desde sempre era conduzida por uma perspectiva pedagógica um tanto quanto conservadora. Não à toa, aquela mudança, aquela novidade, gerou uma movimentação para além da escola, com repercussões sobre a cidade e sobre a geração de adolescentes jovens que teve a chance de viver aquilo.

À época, houve uma iniciativa de estímulo à construção do Grêmio Estudantil. Na quinta série do ensino fundamental, entrei no Grêmio e lá permaneci até a oitava série. Foi uma verdadeira escola de formação, que me deixou ensinamentos importantíssimos. A partir dali minha curiosidade foi crescentemente instigada no sentido de me aproximar dos movimentos sociais e discutir temas ligados à realidade social. Aos 15 anos, quando tirei o título de eleitor, preenchi minha ficha de filiação ao Partido dos Trabalhadores. Era o que havia de mais avançado naquele recanto. Isso foi em 2009, durante o segundo governo Lula (...) e a vida daquela gente não era a mesma que meus olhos viram quando criança nos anos 1990: a vida estava melhor, a fome já quase não batia de porta.

Ao concluir o ensino fundamental, fui estudar em uma cidade chamada Iguatu, que fica a 60 quilômetros de Orós, numa Escola Agrotécnica Federal – que veio a se transformar em *campus* do Instituto Federal do Ceará (IFCE), em 2009. Ingressei no Curso Técnico em Desenvolvimento Social, conduzido predominantemente por professoras oriundas da área de Economia Doméstica. Destaco com muito carinho a professora Claudene Bezerra Gomes, militante histórica do PT em Iguatu, e que foi uma figura fundamental na minha formação. Lembro-me de que no curso havia disciplinas como Políticas Públicas e Formação Sócio-histórica do Brasil. Ali ouvi falar, pela primeira vez, em pensadores como Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado e Florestan Fernandes. Ali aprendi sobre direitos



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Lucas Bezerra

sociais, direitos humanos, cidadania, entre outros conteúdos importantíssimos ao que se convencionou chamar de “educação cidadã”.

Na experiência do movimento estudantil secundarista, onde atuei ativamente, experimentei um salto significativo, pois minha relação com o PT se aprofundou. Ingressei na Democracia Socialista, uma tendência interna do Partido, de influência trotskista. Lembro como hoje de companheiros dessa tendência que chegaram a Iguatu para apresentar a tendência a nós que estávamos tocando as lutas do movimento estudantil na cidade. No processo de aproximação (ou, como se diz, de recrutamento), recordo que tivemos de ler dois textos: o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, e *O lugar do marxismo na história*, de Ernest Mandel. A Democracia Socialista foi uma escola de formação política fundamental em minha trajetória e contribuiu para aguçar meu compromisso com o ideário socialista. As divergências que tive e me levaram a deixar a tendência e o partido, em 2011, nunca me puseram, ainda bem, numa postura arrogante em relação a valorosos companheiros com quem tanto aprendi ali. Com eles mantenho, até hoje, maravilhosa interlocução.

Na minha vida militante, um giro expressivo aconteceu após entrar em contato com uma organização chamada Consulta Popular e participar, posteriormente, da nacionalização de um movimento social: o Levante Popular da Juventude. Através de uma professora e amiga, Evelyne Medeiros (hoje docente do Departamento de Serviço Social da UFPE), tive contato com *Refundar a Esquerda para Refundar o Brasil*, e o conteúdo contido naquele texto me parecia preciso, coerente, corajoso. A Consulta Popular surgiu no final dos anos 90, por estímulo do MST, como uma articulação de movimentos sociais. Em 2007, transformou-se em um instrumento político de natureza partidária. Orgulhosamente, dediquei uma década da minha vida a essa organização. Nela, acompanhei de perto e com muita atenção – já em João Pessoa, onde cursei Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba – momentos cruciais da história recente da sociedade brasileira, como as manifestações de junho de 2013, as eleições presidenciais de 2014, a ofensiva crescente das forças conservadoras, as lutas contra a retirada de direitos trabalhistas e o ataque à soberania nacional, a prisão de nosso maior líder popular, todo o processo que culminou no golpe de 2016 e na ascensão da extrema-direita ao governo central nas eleições de 2018.



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Lucas Bezerra

A experiência no Levante foi um ponto crucial em todo esse percurso. É de um aprendizado imenso participar do processo de edificação de um movimento popular. Olho para trás e me encho de orgulho, pois o Levante surgiu como uma novidade interessantíssima para a juventude brasileira naquele cenário político. Acredito que isso se deva, primeiro, à concepção de movimento que foi amadurecida mediante um relativamente longo processo de debates. O Levante nunca se propôs a ser tão-somente uma entre dezenas de correntes do movimento estudantil. Esse movimento nasceu para se colocar como alternativa de organização ao conjunto da juventude: do campo, das periferias urbanas, das escolas, das universidades, de todos os territórios marcados pela presença da juventude. O MST e a Consulta Popular foram parte fundamental da construção dessa concepção. Em nossa história, a experiência parecida que tínhamos era a da Pastoral de Juventude, que se organizava mais ou menos assim: Pastoral da Juventude Rural, Pastoral da Juventude do Meio Popular, Pastoral da Juventude Estudantil etc. Esse esforço, perseguido pelo Levante, é incrível e até hoje avalio como um grande acerto, pois a juventude precisa de uma ferramenta dotada dessa capacidade agregadora e diversificada. Olhando pelo retrovisor, uma segunda característica que me chama muita atenção na experiência desse movimento é a ampla incorporação da cultura, da arte, da criatividade como formas de expressão. As batucadas do Levante, quando se espalharam pelo país, foi uma coisa linda de ver. Aquilo chama atenção porque apresenta uma juventude jovem, e não uma juventude envelhecida, apegada a um certo “padrão militante” que quase nada tem de jovem e brasileiro. E tudo isso vem carregado com uma dose de ousadia. Aliás, a primeira apresentação do Levante à sociedade foi precisa, corajosa, necessária: os escrachos aos torturadores do período da ditadura brasileira. Aqueles escrachos foram da maior importância ao encontro de nossa geração com a luta por memória, verdade e justiça. Militei no Levante Popular da Juventude desde sua nacionalização, em 2012, até 2021. Nos últimos anos, pudemos construir – e tive a alegria de acompanhar de perto – a Escola Nacional Paulo Freire, em São Paulo. Trata-se de uma escola de formação política, técnica e cultural voltada à juventude da classe trabalhadora, mas também vocacionada a contribuir com a formação de militantes e dirigentes do movimento popular. É uma experiência que vale a pena ser conhecida.



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Lucas Bezerra

Faço questão de retomar essa trajetória – que inclui partido, movimento, grêmio, Centro Acadêmico, Diretório Central dos Estudantes – porque acredito que a organização política seja uma ferramenta fundamental para dar vazão coletiva às nossas indignações, à nossa revolta. Não acho que participar de organização política ou movimento social seja antiquado. Fico seriamente preocupado com uma geração que limita sua participação política às chamadas redes sociais (que Frei Betto chama de "redes antissociais", por não criarem sociabilidade).

Hoje, na condição de professor, sempre fico feliz quando vejo estudantes engajados no movimento estudantil, fazendo formação política, construindo lutas, passando em sala de aula, organizando atividades e lutas em torno do que se coloca como necessidade concreta de reivindicação. Tudo isso ensina, tudo isso é pedagógico. Acredito que uma ferramenta central no meu trabalho é chamar a atenção dos estudantes para as injustiças que expõem o modo brutal como se organiza o mundo. Tento estimulá-los a não divorciar a teoria e a prática. Não basta apenas saber que o mundo é injusto e desenvolver explicações mais ou menos elaboradas em torno disso. É preciso ação para transformá-lo. Minha história me deixou, ainda bem, esse aprendizado, e vez ou outra procuro refrescá-lo na memória. É como um combustível para seguir em frente e que lança luz no sentido de me auxiliar a construir um processo educativo que tenha por alicerce o compromisso com a mudança social. Basta olhar para a realidade de nossa nação, que até hoje não atende prioritariamente às demandas do povo brasileiro. É inadmissível que o segundo ou terceiro maior produtor de alimentos do mundo tenha milhões de pessoas passando fome. É impossível que um país tão grande, de dimensão continental, continue a tolerar essa desgraça chamada latifúndio. Não dá para se calar diante dessas e de tantas outras expressões das desigualdades. Esse é o ponto de vista que orienta meu jeito de ser, meus compromissos, meu pensamento em outras dimensões da vida com as quais lido diariamente. Tudo o que falei vale não só para a condição de professor, mas diz sobre meu ofício como compositor e intérprete. Na educação ou nas artes, em sala de aula ou na música que eu faço, sempre há um lado a ser tomado, sempre há política, nunca há neutralidade. É assim mesmo. Disputar o tempo presente é pleitear a construção do futuro. No *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*, texto de 1859, há um momento em que Marx diz que “a humanidade apenas se coloca problemas que possa resolver”.

Entrevista com Lucas Bezerra

Penso que seja por aí. Acredito profundamente na história, e a história é movimento. Por esta razão, não sou um desiludido quanto à possibilidade de darmos um outro rumo à nossa história. Thiago de Mello, um de nossos grandes poetas, já tem até estatutos em forma de verso para esse tempo que pode chegar. É mais ou menos essa a trajetória que diz sobre o compromisso que assumi com a luta popular, com sujeitos coletivos que sonham, e sonham bonito. “Uma nação solidária, uma nação como nós”. Assino embaixo desse verso de Alceu, nosso mestre encantado. É lindo. E tudo que tenho pesquisado até aqui é decorrência dessas escolhas políticas e sonhadoras que fiz. Mas com o pé no chão, sempre que dá.”

Alex Oliveira: Como você descreve a importância e as contribuições dos Movimentos Sociais no processo de afirmação, de reconhecimento e de respeito aos direitos humanos e à luta por justiça social?

Lucas Bezerra: “Pensar sobre a contribuição dos movimentos sociais nos conduz, do ponto de vista histórico, à reflexão sobre a longa trajetória de lutas do povo brasileiro. Diferentemente do que dizem alguns, não penso que o povo brasileiro seja passivo. Me oponho profundamente a essa ideia. Basta olhar para a história. Temos um longo passado de levantes, insurreições, revoltas, guerrilhas. Estou convencido de que temos de aprender com todas essas experiências. A esmagadora maioria de nossa juventude nunca ouviu falar sobre Canudos, Palmares, Guerra dos Bárbaros, Revolta dos Malês, Contestado, entre tantos outros processos de resistência que marcam nossa evolução histórica. As elites deste país fazem de tudo para massacrar a memória, apagá-la, pisoteá-la. Nossa tarefa é irmos na contramão disso.

Não faz sentido algum falar em afirmação e reconhecimento de direitos humanos e de cidadania no Brasil sem levar em conta o papel fundamental assumido pelas forças de esquerda, democráticas e populares. Foram esses setores que, historicamente, estiveram na linha de frente em defesa dos interesses do povo brasileiro, desde os mais imediatos, como ter o que comer e onde morar, até o direito à liberdade religiosa, apresentado como projeto de lei em 1946, após a queda do Estado Novo, por nosso grandioso Jorge Amado, à época deputado federal pelo Partido Comunista. Quase oitenta anos depois, temos por

Entrevista com Lucas Bezerra

exemplo a deputada Erika Hilton, do Partido Socialismo e Liberdade, apresentando projetos de lei voltados à proteção à população em situação de rua, à população travesti e transsexual. Há um fio de continuidade entre Jorge Amado e Erika Hilton. Tomo como exemplo disputas que comparecem no parlamento, mas não são originárias de lá. É do movimento social que brota tudo isso. Ao deparar-me com a brilhante reconstituição histórica sobre a cidadania no Brasil elaborada pelo professor José Murilo de Carvalho, a impressão que tenho é exatamente a seguinte: sem a ativa intervenção organizada dos setores populares, o “longo caminho” da cidadania teria sido ainda mais longo. A conjuntura recente na sociedade brasileira nos dá uma imensidão de exemplos nesse sentido em todos os âmbitos dos direitos de cidadania: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais. Lembro que a Anistia Internacional, em 2021, fez um levantamento das violações de direitos humanos cometidas diretamente pelo governo Bolsonaro: a condução genocida da pandemia, a flexibilização absurda do porte de armas, os ataques brutais à liberdade de imprensa, o desmantelamento de políticas destinadas a determinados grupos sociais. Tudo isso foi parte de um corrosivo pacote de medidas anti-cidadania, na mais absoluta contramão do que se tem construído como alguns consensos internacionais no campo dos direitos humanos. Contra tudo isso, quem primeiro levantou a voz foi sempre o movimento social. Não há novidade nisso. É conflito, é luta de classes, não surgiu ontem, tem longa história.

Portanto, a contribuição dos movimentos sociais, ontem e hoje, é decisiva no que se refere aos direitos humanos no Brasil. Refiro-me ao conjunto de iniciativas, lutas sociais, resistência popular organizada em defesa de outro projeto de país. O que aí está, moldado pelas classes dominantes e a serviço delas, definitivamente não é o nosso. Temos feridas de natureza estrutural que precisam de resolução. O movimento popular, todos os dias, aborda essas questões: é o MST denunciando os absurdos cometidos pelo agronegócio e apresentando uma alternativa agroecológica; é o movimento de moradia lutando por dignidade nas cidades brasileiras; é o Movimento dos Atingidos por Barragens denunciando as mazelas de nosso modelo energético; é o movimento feminista pautando em diversas frentes o combate ao patriarcado; negros e indígenas na saga ferrenha para desfazer o mito da democracia racial e em luta diária por uma sociedade que não massacre suas próprias vidas. São apenas alguns entre dezenas de exemplos. Direitos humanos não brotam do



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
Humanos &
JUSTIÇA**

Entrevista com Lucas Bezerra

nada, justiça social não nasce do nada. O que temos veio da luta; e continuará a ser assim. Não tem como ser diferente. É lamentável quando as explicações em relação a esses temas são reduzidas à dimensão institucional. É uma afronta à história.”

Alex Oliveira: O que você pode relatar sobre resultados e contribuições de suas práxis enquanto pesquisador no processo de luta em prol da materialização dos Direitos Humanos na atualidade e no Estado de Alagoas?

Lucas Bezerra: “Minha trajetória no âmbito da pesquisa é recente, e isso se deve à minha juventude. Tenho muito a aprender pela frente, muito “feijão com arroz” para comer. No entanto, as escolhas que fiz até aqui no campo da investigação científica estão intimamente ligadas às minhas posições políticas, as quais delineei nas respostas anteriores. Sou um jovem pesquisador profundamente apaixonado pelo Brasil; e foi a inserção na militância política, no movimento popular, que consolidou isso em mim, despertando-me para aspectos fundamentais de nossa história.

Minha relação orgânica com setores organizados das classes trabalhadoras sempre me fez lembrar da importância da coerência entre o que se diz e o que se faz. Aquela velha lição: o critério da verdade é a prática. Tenho buscado, até aqui, ficar atento às armadilhas do academicismo. Esse jeito de ser é profundamente estéril, lamentável em certo sentido, e em última instância, limitado. Geralmente, ele esbarra na arrogância, nas certezas irrefutáveis, contrastando com sua incapacidade de intervenção sobre a realidade.

O universo da produção de conhecimento na universidade não pode fazer do gabinete do pesquisador seu único espaço. Aprendi que a teoria deve ser arrancada da realidade, e sigo convicto desse ensinamento. Não há escolha neutra nesse universo. Definitivamente não há.

Mas, respondendo diretamente à pergunta, tenho uma trajetória de pesquisa que, desde a graduação, persegue o mesmo universo, que é o da dinâmica capitalista na agroindústria canavieira. Quem me aproximou desse tema, na Paraíba, foi uma alagoana de Olho D’Água das Flores, chamada Maria Augusta Tavares, minha primeira orientadora de iniciação científica, que na época estava na UFPB, mas por muitos anos havia sido



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
DIREITOS
humanos &
JUSTIÇA

Entrevista com Lucas Bezerra

professora da UFAL. Foi ela que me ensinou o que é pesquisa, como se pesquisa a partir da perspectiva de totalidade. É uma verdadeira mestra, a quem muito admiro. Nosso primeiro projeto de pesquisa foi sobre os cortadores de cana e a produção de mais-valia absoluta. Segui nesse tema no trabalho de conclusão de curso em Serviço Social, e no mestrado investiguei a relação entre exploração e produtividade no caso dos canavieiros no estado da Paraíba nos anos 2000.

Penso que seja dispensável demarcar a relevância social dessa temática, pois ela é de amplo conhecimento. Estamos falando do setor produtivo que concentra quase 25% das denúncias de trabalho em condições análogas às de escravidão. Nesse sentido, o mundo da cana é um verdadeiro palco de violação de direitos humanos. Ainda hoje, esse setor organiza um processo produtivo alicerçado no agravamento das condições de vida dos trabalhadores, e isso se deve, especialmente, às exigências de alta produtividade.

O estado de Alagoas, onde hoje moro, conhece bem esta realidade. Afinal, este é o estado que mais produz derivados da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro. É o sexto maior tradutor desse ramo no país, em circunstâncias locais muito particulares, onde o peso do tradicionalismo conservador dos usineiros é absurdo. Por falar em usineiros, foi em torno deles que dediquei meus esforços na pesquisa do doutorado. Após anos estudando a realidade dos trabalhadores, quis saber sobre o lado de lá, sobre o lado dos dominantes, sobre o lado de quem manda no imenso mar de canaviais que é a zona da cana Nordestina, toda essa área canavieira concentrada na Região da Mata especialmente em Alagoas, em Pernambuco e na Paraíba, que são os três principais estados produtores da região. Nessa pesquisa, estudei seus métodos de acumulação, dominação e exploração. Evidentemente foi uma primeira aproximação, que carece de aprofundamento, de amadurecimento, mas que guarda consigo uma motivação que me parece absolutamente necessária, que é investigar a burguesia deste país, suas formas de organização, suas características no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, as formas pelas quais ela arquiteta a sua própria reprodução.

O compromisso com a luta dos trabalhadores nos exige um esforço de investigação sobre as classes dominantes. Estou convencido disso. Ao chegar na UFAL como docente, em 2022, tive a sorte de encontrar aliados, parceiros de trabalho e estudantes interessados em discutir temas da realidade brasileira, da questão agrária, mas também de suas



MOVIMENTOS SOCIAIS: NARRATIVAS DE LUTAS, DE DIREITOS E DE JUSTIÇA SOCIAL

Temática de Extensão:
**DIREITOS
HUMANOS &
JUSTIÇA**

Entrevista com Lucas Bezerra

expressões no território alagoano. Quero destacar o professor Adriano Nascimento e a professora Elaine Nunes, ambos da Faculdade de Serviço Social. Com Elaine e um grupo de estudantes, criamos o Grupo de Pesquisas e Extensão Agricultura & Sociedade. Tem sido uma experiência interessantíssima. Recentemente, organizamos uma belíssima Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária, estreitando os laços da universidade com os movimentos sociais do campo. No campo da pesquisa, dentro desse Grupo, tenho me dedicado a realizar o mapeamento dos usineiros alagoanos. Há três estudantes de graduação nessa empreitada comigo.

Todas essas escolhas, como fica visível, são portadoras de compromisso político-social. No ofício como professor, busco imprimir esse comprometimento no conjunto de minhas atividades, sejam elas de ensino, pesquisa ou extensão.”

Maceió (AL), dezembro de 2023.

Entrevista feita em OUT/2023

por **ALEX SOUSA DE OLIVEIRA**

Edição e Layout por

por **KIM PATRICE SANTIAGO SARMENTO**

Estudante de Mestrado em Literatura /Fale/UFAL

Projeto de Extensão “ História para contar/2023”

Aprovada em JAN/2024

Revisada em FEV/2024

Publicada em FEV/2024